

Construções adverbiais temporais [X^{MENTE}]: uma proposta de análise a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso

Temporal Adverbial Constructions [X^{MENTE}]: an analytical proposal from the Usage-Based Functional Linguistics approach

Priscila Teixeira Matos Simonis *
Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda*
Universidade Federal de Juiz de Fora
Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.

Resumo: Este trabalho tem como objetivo fundamental analisar os padrões microconstrucionais temporais que compõem o padrão mais esquemático [X^{MENTE}], buscando estabelecer em que medida as diferentes construções adverbiais de tempo identificadas se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005). A fim de cumprir o objetivo proposto, pautamo-nos, do ponto de vista teórico, na Linguística Funcional Centrada no Uso, nos termos assumidos por Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016), e, de modo mais específico, na abordagem construcional da mudança, nos termos propostos por Traugott e Trousdale (2013). Do ponto de vista metodológico, a análise realizada pauta-se no método misto, a partir do equacionamento entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa para o tratamento de dados de uso, tal como definido por Cunha Lacerda (2016). Para a realização da análise, baseamo-nos em dois *corporus*, os quais foram considerados de maneira complementar, a saber: i) *corpus* sincrônico contemporâneo constituído por Martins (2021), o qual reúne dez perfis da rede social X, antigo Twitter, cujas amostras representam os anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, perfazendo o total de 1.677.627 palavras; ii) *corpus* constituído por vídeos retirados da plataforma *online* YouTube, o qual foi organizado por nós a partir *vlogs* e entrevistas informais de um programa de TV aberta, entre os anos de 2019 a 2024. Com base no levantamento de dados e na subsequente análise realizada, foram identificados cinco padrões microconstrucionais adverbiais temporais que compõem o padrão mais esquemático [X^{MENTE}], os quais se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade a partir, principalmente, da noção aspectual apresentada (Travaglia, 2016).

Palavras-chave: Linguística Funcional Centrada no Uso. Abordagem construcional da mudança. Intersubjetividade. Microconstrução. Construções adverbiais temporais [X^{MENTE}].

* Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora/MG. Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: pritmatos@gmail.com.

* Professora da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF, Juiz de Fora/MG. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFJF com pós-doutorado pela mesma instituição. Mestra em Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: patricia.cunha@ufjf.br.

Abstract: This study aims to analyze the temporal microconstructional patterns that constitute the more schematic pattern [X^{MENTE}], seeking to establish the extent to which the different adverbial constructions of time identified are distributed along a continuum of intersubjectivity (TRAUGOTT; DASHER, 2005). To achieve this goal, the theoretical framework adopted is Usage-Based Functional Linguistics, as outlined by Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário and Oliveira (2016), and Bispo and Silva (2016), and, more specifically, the constructional approach to change proposed by Traugott and Trousdale (2013). From a methodological perspective, the analysis is grounded in a mixed-methods approach, combining qualitative and quantitative methodologies for the treatment of usage data, as defined by Cunha Lacerda (2016). The analysis draws on two complementary corpora: (i) a contemporary synchronic corpus compiled by Martins (2021), which brings together ten profiles from the social network X (formerly Twitter), with samples representing the years 2017, 2018, 2019, and 2020, totaling 1,677,627 words; and (ii) a corpus composed of videos taken from the online platform YouTube, organized by the authors from vlogs and informal interviews from an open television program, covering the years 2019 to 2024. Based on the data collection and subsequent analysis, five temporal adverbial microconstructional patterns that compose the more schematic pattern [X^{MENTE}] were identified, distributed along a continuum of intersubjectivity, primarily according to the aspectual notion presented by Travaglia (2016).

Keywords: Usage-Based Functional Linguistics. Constructional Approach to Change. Intersubjectivity. Microconstruction. Temporal Adverbial Constructions [X^{MENTE}].

1 INTRODUÇÃO

Os estudos linguísticos contemporâneos, em especial, os que se pautam na Linguística Funcional Centrada no Uso – doravante LFCU – (FURTADO DA CUNHA *et al.*, 2013; ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016; BISPO; SILVA, 2016), têm voltado sua atenção, nas últimas décadas, para a investigação das construções de natureza gramatical e lexical a partir de dados efetivos de uso. Sob essa perspectiva, a LFCU parte do pressuposto de que a língua é um sistema dinâmico, instanciado a partir de pressões cognitivas, discursivas e sociais, cuja organização se dá pela recorrência de padrões de forma e significado em contextos comunicativos específicos. Nesse cenário, a abordagem construcional da mudança, tal como proposta por Traugott e Trousdale (2013), tem se mostrado particularmente frutífera, uma vez que possibilita compreender a emergência, a expansão e a reconfiguração de construções a partir das noções de esquematicidade, produtividade e fraca composicionalidade, tal como será brevemente discutido na próxima seção.

Entre os fenômenos linguísticos que podem ser observados sob essa ótica, encontram-se os padrões formados pelo sufixo *-mente*, cuja produtividade na língua portuguesa resulta em diferentes microconstruções que, embora partilhem traços formais, apresentam valores semânticos e pragmáticos diversificados. Nesse sentido, interessa a este trabalho investigar os padrões microconstrucionais adverbiais temporais que compõem o esquema mais geral [X^{MENTE}], buscando compreender de que modo elas se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005). A relevância dessa análise decorre não apenas do interesse em mapear regularidades e

variações no domínio adverbial, mas também da possibilidade de evidenciar como valores de tempo se articulam a estratégias de construção do ponto de vista aspectual e da negociação de sentidos entre os interlocutores. Desse modo, destacamos que, embora haja trabalhos que têm como objetivo analisar advérbios formados pelo advérbio *-mente* (CAMPOS, 2019; CUNHA LACERDA, 2012)¹, há a carência de pesquisas que tratem especificamente desse objeto à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo específico, há a ausência de trabalhos que tratem especificamente das construções adverbiais temporais que compõem o padrão mais esquemático [X^{MENTE}] a partir dos pressupostos assumidos pela LFCU e, de modo mais pontual, pela abordagem construcional da mudança.

Do ponto de vista metodológico, a investigação pauta-se no método misto, que assume a coadunação entre a metodologia qualitativa e a metodologia quantitativa, nos termos assumidos por Cunha Lacerda (2016) para o tratamento de dados de uso. Para tanto, foram considerados dois *corpora* de natureza complementar: um *corpus* sincrônico contemporâneo, organizado por Martins (2021), constituído por amostras da rede social X – antigo Twitter –, abrangendo os anos de 2017 a 2020, com um total de 1.677.627 palavras; e um *corpus* formado a partir de interações no YouTube, composto por vlogs e entrevistas informais de um programa de TV aberta, exibidos entre os anos de 2019 a 2024. A análise desses dados permite observar tanto a frequência e a distribuição dos padrões temporais integrantes do esquema mais genérico [X^{MENTE}] quanto seus aspectos qualitativos relacionados à intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2015) e ao valor aspectual (TRAVAGLIA, 2016).

Assim, ao investigar os padrões microconstrucionais temporais no domínio de construções [X^{MENTE}], este trabalho pretende contribuir para o aprofundamento das discussões acerca do papel da intersubjetividade na constituição do significado linguístico. Além disso, esta pesquisa busca demonstrar a pertinência de uma abordagem construcional, funcional e centrada no uso para o estudo de fenômenos que, à primeira vista, poderiam ser tratados apenas como derivados morfológicos, mas que, sob uma ótica construcional, revelam-se como peças fundamentais da rede linguística em constante reconfiguração.

A fim de cumprir os objetivos propostos, este trabalho organiza-se da seguinte forma: na primeira seção, discutimos os pressupostos fundamentais da Linguística Funcional Centrada no Uso e, de modo mais específico, da abordagem construcional da mudança linguística; na segunda seção, tratamos de questões fundamentais que dizem respeito aos advérbios de tempo e à noção de aspectualidade; na terceira seção,

¹ Campos (2019) investigou construções qualitativas compostas por [Verbo + Adjetivo Adverbial] e [Verbo + Xment] a fim de atestar diferenças entre elas no PB, a partir de peculiaridades formais e funcionais. Cunha Lacerda (2012), por sua vez, estudou a multifuncionalidade do advérbio *realmente* na língua portuguesa, com o objetivo de instanciar seus diferentes usos e de definir de que maneira seria estabelecida sua rede construcional.

apresentamos e, acima de tudo, delimitamos os pressupostos metodológicos assumidos nesta pesquisa; na quarta seção, realizamos a análise de dados proposta, articulando a análise dos padrões construcionais à noções de intersubjetividade e aspectualidade; por fim, na última seção, sistematizamos as considerações finais.

2 LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO E ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA MUDANÇA: PRESSUPOSTOS FUNDAMENTAIS

A Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU –, nos termos propostos por Furtado da Cunha *et al.* (2013), Rosário e Oliveira (2016) e Bispo e Silva (2016), fundamenta-se na concepção de que a língua é um sistema emergente e dinâmico, modelado pela experiência dos falantes e pelas pressões discursivas e cognitivas. Nesse modelo, a gramática e o léxico não são concebidos como um conjunto estático de regras, mas como uma rede de construções que se estabilizam a partir da frequência de uso e da recorrência em contextos comunicativos.

Nesse sentido, vale ressaltar que a LFCU comprehende uma abordagem que associa pressupostos fundamentais do funcionalismo clássico norte-americano a pressupostos fundamentais da Gramática de Construções, tal como concebida e assumida por Goldberg (1995, 2006) no âmbito da Gramática de Construções Cognitiva (*Cognitive Construction Grammar*), por Croft (2001) no âmbito da Gramática de Construções Radical (*Radical Construction Grammar*) e por Langacker (1987, 1991) no âmbito da Gramática Cognitiva (*Cognitive Grammar*).

No contexto da LFCU, há a centralidade da noção de uso, a qual implica reconhecer que as regularidades linguísticas não podem ser explicadas apenas pela estrutura formal, mas devem considerar também os fatores pragmáticos, semânticos e discursivos que orientam a escolha dos falantes. Essa perspectiva permite compreender como construções linguísticas emergem, se consolidam e se modificam ao longo do tempo, formando uma rede interconectada que organiza a gramática e o léxico.

No interior da LFCU, a abordagem construcional da mudança, proposta por Traugott e Trousdale (2013), ocupa um lugar de destaque. Tal abordagem parte do pressuposto de que a gramática e o léxico são compostos por uma rede de construções — pares forma-função convencionalizados — que se organizam em diferentes níveis de esquematicidade, desde padrões mais abstratos até instâncias mais específicas.

Segundo os autores, a mudança linguística pode ser compreendida em termos de construcionalização e mudança construcional (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). A primeira refere-se ao surgimento de uma nova construção na rede, com novo pareamento forma-sentido (GOLDBERG, 1995); a segunda corresponde à reconfiguração de uma construção já existente, que pode ganhar novos valores semânticos ou pragmáticos sem alterar substancialmente sua forma. Esses processos são graduais e resultam de pressões comunicativas, cognitivas e sociais. No âmbito da construcionalização, os autores



propõem que os construtos seriam o lócus da mudança, constituindo as ocorrências empíricamente atestadas na língua. Já no que diz respeito aos níveis de caráter abstrato e esquemático, os autores propõem a diferenciação entre microconstrução, subesquema e esquema. A microconstrução corresponde às construções individuais propriamente ditas, resultantes do pareamento entre forma e função e já estabilizadas e produtivas no uso linguístico. A partir delas, é possível identificar conjuntos de construções que compartilham propriedades formais e funcionais semelhantes, os quais configuram os subesquemas. Esses, por sua vez, representam níveis intermediários de generalização dentro da rede construcional, possibilitando a observação de padrões recorrentes entre diferentes microconstruções. No nível mais abstrato, situam-se os esquemas, que reúnem as construções mais genéricas da rede e abarcam estruturas complexas com diferentes possibilidades de preenchimento (*slots*), funcionando como molduras cognitivas que organizam e licenciam novas instanciações linguísticas (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013).

De acordo com Traugott e Trousdale (2013), a mudança linguística deve ser compreendida ainda à luz da coocorrência das propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade, que operam de modo interdependente ao longo do processo de construcionalização. A esquematicidade refere-se ao grau de abstração e generalização de uma construção na rede linguística, sendo responsável por categorizar os padrões formais e funcionais que organizam a língua em níveis hierárquicos – do construto ao esquema. Já a produtividade está diretamente relacionada à frequência de uso (BYBEE, 2010) e indica o potencial de uma construção para gerar novas instâncias e expandir-se dentro de um (sub)esquema, fenômeno que Himmelmann (2004) denomina *host-class expansion*. Por sua vez, a composisionalidade diz respeito ao grau de transparência entre forma e significado, variando conforme a decomponibilidade das construções: quanto maior o grau de idiosyncrasia, menor a composisionalidade. Em conjunto, essas propriedades permitem compreender a gradualidade e a complexidade dos processos de mudança linguística, revelando como novas construções emergem, se consolidam e se integram às redes taxonômicas da língua (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013). Nesse quadro, as microconstruções derivadas do padrão esquemático [X^{MENTE}] exemplificam como um mesmo molde formal pode se especializar em diferentes funções semântico-pragmáticas, entre elas as de natureza temporal, constituindo um campo fértil para investigar o funcionamento da rede construcional da língua portuguesa.

Outra questão relacionada a esta pesquisa, sendo, do ponto de vista teórico e analítico, extremamente relevante no âmbito do funcionalismo clássico e, principalmente, da LFCU é o conceito de intersubjetividade. De acordo com Traugott e Dasher (2005), a subjetividade refere-se à codificação linguística da perspectiva ou da atitude do falante em relação à mensagem, enquanto a intersubjetividade diz respeito à orientação explícita ao interlocutor, marcando consideração ou direcionamento à sua perspectiva interpretativa.

Portanto, nos termos assumidos por Traugott e Dasher (2005), a intersubjetividade diz respeito à orientação do falante em relação ao interlocutor, manifestada linguisticamente por meio de recursos que visam a atender às necessidades comunicativas, cognitivas e sociais do outro. Assim, a intersubjetividade constitui um mecanismo central na mudança, evidenciando como os falantes reconfiguram expressões linguísticas para demarcar o seu posicionamento perante o interlocutor em situações reais de interação.

Nesse sentido, a análise de microcontruções adverbiais temporais que integram o esquema mais abstrato [X^{MENTE}] permite observar como o sufixo, tradicionalmente associado a uma categoria morfológica de formação de advérbios, desempenha papéis discursivo-pragmáticos que transcendem a simples referência temporal, engajando-se em processos de negociação de sentido entre os participantes da interação. Além disso, a articulação dessa perspectiva à noção de aspecto verbal (TRAVAGLIA, 2016) – tal como será discutido na próxima seção – possibilita entender de que maneira a expressão do tempo se relaciona às noções de duração, frequência e sequencialidade, configurando-se como uma dimensão essencial para a descrição das construções temporais na língua portuguesa.

3 ADVÉRBIOS DE TEMPO E NOÇÃO DE ASPECTUALIDADE

Ao nos dedicarmos ao estudo dos advérbios, notamos que pode parecer um tanto simplista a definição tradicional atribuída a esta classe de palavras, como aquela que exerce “fundamentalmente (a função de) um modificador do verbo” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 555). Os mesmos autores pontuam que o advérbio caracteriza-se por expressar circunstâncias de tempo, lugar, modo, intensidade, entre outras, funcionando como modificador de verbos, adjetivos ou mesmo de outros advérbios”. Os autores ressaltam que, ao contrário do adjetivo, que se refere ao substantivo, o advérbio incide sobre palavras de natureza variável, acrescentando-lhes um valor circunstancial. Todavia, os autores reconhecem que a classe dos advérbios é tradicionalmente heterogênea, visto que é formada por palavras de natureza nominal e pronominal, com distribuição e funções frequentemente diversas. Desse modo, é comum observarmos que linguistas modernos tendem a “reexaminar o conceito de advérbio, limitando-o seja do ponto de vista funcional, seja do ponto de vista semântico” (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 556).

Nesse sentido, Bechara (2009) destaca que os advérbios devem ser considerados palavras invariáveis, que, além de modificarem o sentido do verbo, adjetivo ou do advérbio, são capazes também de influenciar o significado de toda uma oração. Essa invariabilidade formal é um traço marcante da classe, ainda que se verifiquem processos de formação de advérbios por meio de sufixos, como no caso de *-mente*, que compõe os advérbios investigados por nós neste trabalho – o que os aproxima de estruturas derivadas de adjetivos.

No que se refere à classificação dos advérbios, Bechara (2009) pontua que esta pode ser feita tanto a partir de valores semânticos, quanto por critérios funcionais. Ao

considerar valores semânticos, os advérbios podem ser classificados como denotadores de tempo (ontem, amanhã, hoje, agora, antes etc.), de lugar (ali, aqui, fora, lá etc.), de quantidade (muito, bastante, tanto etc.); já considerando critérios funcionais, classificam-se os demonstrativos (então, aqui, aí, agora etc.), os relativos (como, quando, onde etc.) e os interrogativos (quando, como, onde etc.).

Ilari *et al.* (1993), numa abordagem exaustiva da classe dos advérbios, advogam a favor de um refinamento de seus elementos constitutivos, excluindo desse rol, por exemplo, os dêiticos (aqui, ali, lá) e as palavras intensificadoras (muito, pouco, bastante), pois essas palavras não se limitam ao papel de modificadores que a tradição gramatical lhes atribui.

Rocha Lima (2011), por sua vez, enfatiza a multiplicidade de significados que o advérbio pode assumir, categorizando-os em grupos semânticos, tais como advérbios de tempo (ontem, sempre, ainda), de lugar (aqui, ali, perto), de modo (bem, mal, depressa), de intensidade (muito, pouco, bastante), entre outros. Essa classificação, ainda que tradicional, permite compreender a diversidade de empregos da classe.

Em gramáticas que se propõem a uma análise descritiva do português brasileiro, como as de Neves (2000) e Castilho (2010), os advérbios são apresentados como elementos que ostentam propriedades sintático-semânticas diversificadas. Segundo Neves (2000), os advérbios podem ser classificados como “modificadores” e “não modificadores”. Para a autora, os advérbios considerados modificadores interferem no sentido do elemento sobre o qual incidem, fazendo, assim, uma predicação sobre as propriedades desses elementos, ou seja, modificando-os. A autora considera parte deste grupo de advérbios os classificados como de modo, de intensidade e os modalizadores. Já os não modificadores, em contrapartida, não afetam o significado do elemento sobre o qual incidem e são representados pelos advérbios de afirmação, de negação, de tempo e lugar, de inclusão, de exclusão e de verificação (NEVES, 2000). Castilho (2010), por sua vez, afirma que tradicionalmente atribui-se aos advérbios o papel de “adjetivo do verbo”, uma vez que são predicadores, assim como os adjetivos o são, e exercem o papel de “substituir o sintagma preposicional” (CASTILHO, 2010, p. 542). O autor destaca, nesse sentido, duas dimensões que esta classe apresenta, das quais uma é a sintática e outra semântica.

Ao tratar dos advérbios considerados pela gramática tradicional como os de tempo, é importante abordar também a noção de aspecto. Travaglia (2016) é uma das principais referências ao tratar deste assunto. O autor afirma, em sua obra, que o aspecto localiza a situação dentro espaço temporal de sua ocorrência. Apesar de o autor apresentar a noção de aspecto como uma “categoria verbal de TEMPO através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases” (TRAVAGLIA, 2016, p. 43), ele reconhece que os advérbios também atuam com noções aspectuais. Travaglia (2016) afirma que, certamente, adjuntos adverbiais têm muito a ver com aspecto. Ele também destaca que o aspecto não depende

só de elementos morfológicos, mas também de elementos sintáticos, semânticos, mesmo fonológicos, e, muitas vezes, contextuais, seja o contexto linguístico ou não. Ao tratar desta temática, Travaglia (2016) reúne estudos de alguns autores acerca do aspecto no português e demonstra que muitos deles defendem que a flexão verbal, as perifrases verbais, o semantema do verbo (sentido próprio do verbo), os afixos (alguns sufixos e prefixos), a repetição do verbo, os adjuntos adverbiais, o tipo oracional e o complemento do verbo, atuam na expressão do aspecto. O autor ainda acrescenta que os aspectos expressos por adjuntos adverbiais são o iterativo, o habitual, o durativo, o inceptivo, o terminativo e o acabado. Nesse sentido, ele afirma que adjuntos adverbiais envolvidos na expressão do aspecto, em português, exercem sempre uma das três funções, a saber: i) evitar ambiguidades; ii) marcar o aspecto por si ou em combinação com outro elemento; iii) reforçar um aspecto expresso por outro elemento, tornando-o mais patente.

Ainda sobre esta temática, Comrie (1976) relaciona a categoria gramatical do aspecto aos diferentes modos de perceber a constituição temporal interna de uma situação. Desse modo, o aspecto não é marcado exclusivamente por um elemento gramatical, mas por diferentes categorias, isto é, aspecto inerente ao verbo, aspecto codificado pela morfologia verbal, aspecto codificado pelos modificadores adverbiais, que interagem entre si.

Após elencarmos pontos relevantes acerca de discussões já levantadas sobre os advérbios na língua portuguesa e abordarmos sucintamente a noção de aspecto que se mostra importante na discussão que propomos neste trabalho, discutiremos pontos relativos à metodologia aplicada a nossa pesquisa.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho adota, do ponto de vista metodológico, uma abordagem de natureza mista, articulando procedimentos qualitativos e quantitativos para a análise dos padrões microconstrucionais adverbiais temporais integrantes do esquema mais abstrato [X^{MENTE}], em consonância com a proposta de Cunha Lacerda (2016). Essa escolha metodológica justifica-se pela necessidade de, por um lado, observar padrões de frequência, distribuição e produtividade das construções no uso real da língua – metodologia quantitativa – e, por outro, interpretar os valores semântico-pragmáticos que emergem em contextos discursivos específicos – metodologia qualitativa.

Para Cunha Lacerda (2016), no âmbito da abordagem construcional da mudança, o método misto atua como um recurso fundamental, uma vez que permite compreender como os processos de mudança envolvem não apenas a descrição formal e funcional das construções, mas também a observação de sua frequência e de sua distribuição ao longo do tempo. Nesse sentido, o método misto permite investigar, de forma integrada, tanto os aspectos estruturais e semântico-pragmáticos das construções – dimensão qualitativa – quanto os padrões de uso e de recorrência que evidenciam sua produtividade e convencionalização – dimensão quantitativa). Ao conciliar essas duas vertentes, a autora

demonstra que é possível traçar um panorama mais completo da mudança construcional, identificando os estágios de emergência, expansão e consolidação de construções em diferentes contextos de uso.

A fim de também alcançar o cumprimento dos objetivos propostos nesta pesquisa, foram mobilizados dois *corpora* distintos e complementares, a saber: i) *corpus* sincrônico contemporâneo organizado por Martins (2021) e constituído por dados provenientes da rede social X (antigo Twitter). Esse *corpus* reúne dez perfis selecionados, cujas amostras correspondem aos anos de 2017, 2018, 2019 e 2020, totalizando 1.677.627 palavras. O caráter sincrônico e a variedade temática desse conjunto de dados permitem observar o funcionamento dos padrões microconstrucionais adverbiais temporais integrantes do esquema mais abstrato [X^{MENTE}], os quais são representativos de práticas comunicativas contemporâneas; ii) *corpus* constituído por vídeos do *YouTube* no gênero *vlog*, que tem como conteúdo principal situações da vida cotidiana, e também no gênero entrevista informal. Os vídeos que compõem o *corpus* proveniente do *YouTube* estão compreendidos entre os anos de 2019 e 2024. O *corpus* constituído a partir de vídeos do *YouTube* visa, portanto, a complementar os dados da rede social X – antigo Twitter – ao oferecer amostras de outra rede digital, em que a oralidade transposta para a escrita desempenha papel central. Dessa forma, é possível observar como o padrão [X^{MENTE}] se distribui em contextos multimodais e em gêneros discursivos mais extensos, contrastando com a concisão característica da plataforma X – antigo Twitter).

A partir da delimitação dos *corpora*, a análise desenvolveu-se em três etapas principais, as quais se encontram sintetizadas a seguir: a) identificação das ocorrências de cunho temporal integrantes do esquema mais geral [X^{MENTE}] nos dois *corpora*; b) classificação microconstrucional, em que cada ocorrência foi analisada em termos de forma e função, a fim de verificar como se especializam formalmente, semanticamente e pragmaticamente dentro do esquema geral; c) distribuição dos padrões microconstrucionais identificados em um *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005), relacionando os valores temporais observados a estratégias de intersubjetividade e também a noções aspectuais (TRAVAGLIA, 2016).

5 PADRÕES MICROCONSTRUCIONAIS TEMPORAIS COM -MENTE: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Conforme discorremos anteriormente, temos como principal objetivo, neste trabalho, identificar e analisar os padrões microconstrucionais temporais que compõem o padrão mais esquemático [X^{MENTE}], a fim de investigar de que modo as diferentes construções adverbiais de tempo identificadas se distribuem em um *continuum* de intersubjetividade (TRAUGOTT; DASHER, 2005). Acreditamos que as microconstruções adverbiais temporais estejam distribuídas em uma rede, em concordância com a proposta de Traugott e Trousdale (2013), que descrevem a língua como uma rede construcional composta por construções de níveis esquemáticos hierarquicamente distintos. Além disso, diante da premissa de Travaglia (2016) de que o

aspecto seria considerado uma categoria temporal, consideramos também questões aspectuais para a realização da análise qualitativa dos dados identificados.

Nos dois *corpora* analisados, encontramos um total de 267 ocorrências com padrões microconstrucionais adverbiais temporais. No *corpus* da rede social X, mais especificamente, verificamos 254 contextos em que essas construções aparecem. Já nas situações de fala analisadas no *corpus* construído através da plataforma do *YouTube*, identificamos um total de 13.

Ao longo da pesquisa, identificamos cinco microconstruções que se distribuem, por similaridades e por particularidades no que diz respeito a propriedades formais e funcionais. As microconstruções adverbiais temporais identificadas demonstram se distribuir em um *continuum* de intersubjetividade. Nesse sentido, na tabela a seguir, apresentamos a frequência de uso de acordo com o grau de intersubjetividade observado.

Tabela 1 - Levantamento da frequência de uso para os padrões construcionais adverbiais temporais [X^{MENTE}]

Padrão microconstrucional	n.º de ocorrências no <i>corpus</i> constituído a partir da plataforma X	n.º de ocorrências no <i>corpus</i> constituído a partir do <i>YouTube</i>	% total nos dois <i>corpora</i>
Advérbio de tempo	67	2	25,9
Marcador de frequência	41	8	18,3
Marcador de iteratividade	34	2	13,6
Projeção de futuridade	3	0	1,1
Cumprimento de expectativa	109	1	41,1
TOTAL	254	13	100

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Como é possível verificar na tabela acima, identificamos 67 ocorrências que têm a função de advérbio de tempo no *corpus* da rede social X e 2 ocorrências no *corpus* constituído a partir do *YouTube*. Já as ocorrências que marcam frequência apareceram 41 vezes no *corpus* do antigo *Twitter* e 8 vezes no *corpus* do *YouTube*. Já a microconstrução apontada como marcador de iteratividade apresentou 34 ocorrências nos dados da rede social X e 2 no *corpus* do *YouTube*. A projeção de futuridade, por sua vez, foi verificada em 3 ocorrências no antigo *Twitter*, e não foi atestada no *YouTube*. Já a microconstrução que expressa cumprimento de expectativa apresentou-se, nos dados da rede social X, 109 vezes, enquanto uma única vez no *corpus* do *YouTube*. Nesse sentido, considerando o total

de ocorrências identificadas e analisadas, obtivemos 25,9% dos dados como advérbio de tempo, 18,3% como expressão de frequência, 13,6% como marcação aspectual de iteratividade, 1,1 % como projeção de futuridade e, por último, 41,1 % como cumprimento de expectativa por parte do falante.

Passaremos, a seguir, à análise pontual de cada um dos cinco padrões microconstrucionais identificados. Analisaremos cada um deles qualitativamente, iniciando a partir das microconstruções com menor grau de intersubjetividade em direção às microconstruções com maior grau de intersubjetividade. Nesse sentido, para cada um dos padrões microconstrucionais identificados, analisaremos, no que tange ao pareamento forma-função, uma ocorrência retirada do *corpus* da plataforma *X* e uma ocorrência retirada do *corpus* do *YouTube*.

5.1 ADVÉRBIO DE TEMPO

O primeiro padrão que analisaremos aqui é o que denominamos de advérbio de tempo. As construções que se encaixam nesse padrão têm como característica principal a expressão do tempo na situação comunicativa em que se inserem. Observemos, a seguir, o quadro com o pareamento forma/função que ilustra esse padrão.

Quadro 1 - Representação do pareamento forma-função para a microconstrução 1

MICROCONSTRUÇÃO 1	
Função	Expressão de tempo
Forma	[ADJ(que aponta no tempo dêitico) + MENTE] ^{advérbio de tempo}

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Conforme registrado no quadro acima, a função desta microconstrução é revelar o tempo no qual a situação descrita acontece. Neste caso, a construção cumpre uma função dêitica, ao apontar para o período no qual o evento acontece (presente, passado ou futuro). Neves (2000) confirma essa função dos advérbios de tempo em sua obra, afirmando ainda que, juntamente com os advérbios de modo, eles “fazem orientação por referência ao falante e ao aqui-agora, que constituem o complexo modo-temporal que fixa o ponto de referência do evento de fala”. (NEVES, 2000, p. 256). A autora acrescenta, ainda, que o subgrupamento básico dos advérbios circunstanciais, no qual ela insere os advérbios de tempo e lugar, é administrado pelas conexões que se dão dentro do enunciado e pelas conexões que acontecem entre enunciado e enunciação. Quanto à forma, um adjetivo que apresenta em seu significado ideia de tempo une-se ao sufixo –

mente, formando a microconstrução 1. Vejamos as ocorrências abaixo, retiradas dos dois *corpora* analisados.

Figura 1 - Exemplo de ocorrência da microconstrução 1



Fonte: X (2018)

A ilustração acima apresenta uma ocorrência com o advérbio *ultimamente*, que indica um período de tempo recente. O locutor, nesse caso, afirma que, nos últimos tempos, isto é, no presente, as músicas da pessoa de quem ele fala estão ruins, fazendo, provavelmente, uma comparação com as músicas do passado deste cantor. Como se pode observar, esta ocorrência, de fato, apresenta o advérbio de tempo constituído pelo adjetivo *última*, que está relacionado a um tempo recente – visto que indica o que veio depois de todos os outros – acompanhado pelo sufixo *-mente*.

Pedro Bial: As músicas nascem antes ou depois dela ... ou tudo ao mesmo tempo ou ... quando que ela nasce?

Samuel Rosa: Todas antes dela, eh e foi curioso... Ela nasce?

Samuel Rosa: Ela nasce em 20 de Março

Pedro Bial: Ah então imediatamente antes...

Samuel Rosa: **Imediatamente** antes.

Pedro Bial: Você tava parindo...

Samuel Rosa: Não eu por pouco eu por pouco eu não não não tô aqui na hora, não tô em São Paulo na hora que ela... o que me valeu uma cara feia [...]

Entrevista retirada do YouTube. Conversa com Bial, ano de 2024.

No diálogo descrito, Pedro Bial fala com o entrevistado, o cantor Samuel Rosa, sobre músicas que foram compostas pelo músico em sua nova carreira solo. O apresentador indaga sobre o período no qual as músicas foram escritas, e o entrevistado afirma que elas foram criadas no momento exatamente anterior ao nascimento de sua filha. Vemos aqui o advérbio de tempo *imediatamente* sendo usado para inserir

temporalmente o acontecimento sobre o qual os interlocutores se referem. Em relação à forma, vemos a junção do adjetivo *imediata* ao sufixo *-mente*.

5.2 MARCADOR DE FREQUÊNCIA

O segundo padrão microconstrucional a ser abordado é o que nomeamos como marcador de frequência. Nesse caso, o advérbio descreve a regularidade de uma ação e expressa algo que é habitual. É interessante recordar que Travaglia (2016) cita, dentre os aspectos expressos por adjuntos adverbiais, o habitual, que pode ser ilustrado por esta construção. Vejamos, a seguir, o quadro que ilustra o pareamento forma-função representativo deste padrão.

Quadro 2 - Representação do pareamento forma-função para a microconstrução 2

MICROCONSTRUÇÃO 2	
Função	Expressão de frequência
Forma	[ADJ(com traços habituais, não dêitico) + MENTE] ^{marcador de frequência}

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

É possível observar, no quadro acima, que a função dessa microconstrução é expressar a regularidade de uma ação. Em relação à forma, o sufixo *-mente* se une a um adjetivo que expressa hábito, isto é, um adjetivo que imprime recorrência. Neves (2000) afirma que tempo se relaciona a déixis e, por outro lado, o aspecto se liga não somente à não déixis (definição negativa de aspecto), mas à quantificação, ou seja, à intermediação na polaridade (definição negativa de aspecto). Segundo ela, nessa intermediação, se abrigam os componentes frequência e duração, que se resolvem no desenrolar do processo visto em sua constituição temporal interna. Assim “é nessa constituição interna, portanto não dêitica, que momentos ou intervalos de tempo se estendem (duração) ou se somam (frequência)” (NEVES, 2000, p. 264). Com base nessas informações, analisemos as ocorrências a seguir:

Figura 2 - Exemplo de ocorrência da microconstrução 2



Fonte: X (2019)

Na ocorrência destacada acima, a autora da postagem fala sobre o fato de ela avaliar o caráter das pessoas pela maneira como elas se direcionam a ela com pouca frequência. Apesar do adjetivo revelar um hábito pouco recorrente, *raramente* não deixa de descrever uma situação habitual. Ao analisarmos a forma, observamos o adjetivo *raro*, que é um adjetivo que descreve uma situação habitual, e acompanha o sufixo *-mente* para a formação desta microconstrução.

Gabriela Prioli: Então, as expectativas sobre a maternidade que nem são, nem são convicções que eu partilho pesaram muito sobre mim e eu comecei a me sentir **constantemente** culpada, insuficiente, e isso prejudicou o, a minha capacidade de desfrutar da minha maternidade.

Entrevista retirada do YouTube. Conversa com Bial, ano de 2024.

Neste trecho da entrevista retirada do YouTube, a entrevistada fala sobre o fato da culpa em relação à maternidade ter se tornado constante em sua vida. Temos aqui o adjetivo *constante*, que claramente expressa algo recorrente, juntamente com o sufixo *-mente*.

5.3 MARCADOR DE ITERATIVIDADE

A terceira microconstrução investigada é a que nos referimos como Marcador de iteratividade. Ao ser usada, essa construção retrata situações que ocorrem repetidamente ao longo do tempo. Vale ressaltar que Travaglia (2016) também citou o aspecto iterativo como um dos que são expressos por adjuntos adverbiais. Observe o quadro com o pareamento forma/função desse padrão:

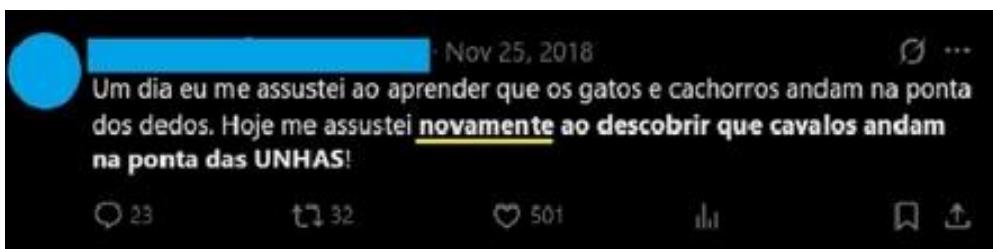
Quadro 3 - Representação do pareamento forma-função para a microconstrução 3

MICROCONSTRUÇÃO 3	
Função	Expressão de iteratividade
Forma	[NOVA + MENTE] ^{marcador de iteratividade}

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

No que diz respeito à forma, é importante salientar que, nos *corpora* analisados, foram encontradas apenas ocorrências em que o adjetivo feminino *nova* se coaduna ao sufixo *-mente*, formando a construção cuja a função é marcar iteratividade. Vejamos dois exemplos:

Figura 3 - Exemplo de ocorrência da microconstrução 3



Fonte: X (2018)

No exemplo acima, o usuário da rede social aborda repetidas situações em que se assustou com a forma como os animais caminham. Ele cita uma situação em que ele se surpreende com uma descoberta sobre gatos e cachorros e, em seguida, conta que seu espanto se repete ao fazer uma nova descoberta acerca dos cavalos. Para exprimir essa ideia de repetição, a forma adotada é a junção da palavra *nova*, que dá a ideia de que algo está acontecendo repetidamente em “novas situações” e, em seguida, a partícula *-mente*.

Niina: Eu estou viciada **Novamente** Em Prison Break Eu já assisti Prison Break Ó... há muitos anos atrás Eu acho que eu estava na escola Gente Então Faz muito tempo mesmo

Retirado do YouTube. Vlog: Voltei YouTube!, ano de 2024.

Neste exemplo, retirado de um vlog do YouTube, Niina fala de um vício por uma série de TV que ela tinha no passado e que voltou a se repetir no presente. Temos, mais uma vez, a junção do adjetivo *nova* ao sufixo *-mente* para expressar o aspecto iterativo.

5.4 PROJEÇÃO DE FUTURIDADE

O quarto padrão identificado nos dados é o que revela projeção de futuridade. Givón (1995) associa a futuridade à noção de *irrealis*. Quando há projeção para o futuro, acessamos o domínio das situações não realizadas, hipotéticas ou desejadas, em oposição ao *realis* (situações factualizadas). O mesmo acontece com verbos volitivos, pois estes marcam uma projeção futura da (não) realização de uma dada situação após o momento da fala, considerando a expressão do desejo/da intenção do falante (CASIMIRO, 2007). Observamos, nas três ocorrências encontradas, que o futuro é acessado não somente pela própria construção, mas também por meio de verbos volitivos ou que projetam uma ação que ainda irá acontecer. Acreditamos que este padrão imprima maior grau de intersubjetividade, visto que é usado para descrever planos ou intenções futuras dos interlocutores. Para este padrão, propomos o seguinte quadro com o pareamento forma/função:

Quadro 4 - Representação do pareamento forma-função para a microconstrução 4

MICROCONSTRUÇÃO 4	
Função	Referência ao tempo futuro
Forma	[FUTURA + MENTE] ^{projeção de futuridade}

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Como evidenciamos no quadro acima, a partir da análise dos dados, vimos que, nas três ocorrências identificadas para este padrão, a construção utilizada pelo falante com a função de projeção de futuro é *futuramente*. Observamos, ainda, que a forma desse padrão é constituída pela junção do adjetivo *futura*, que já expressa semanticamente a ideia de futuro, com o sufixo *-mente*. Vejamos o exemplo a seguir, retirado do *corpus* da rede social X:

Figura 4 - Exemplo de ocorrência da microconstrução 4



Fonte: X (2019)

Na ocorrência acima, o interlocutor utiliza *futuramente* para se referir ao período posterior a sua fala. Nesse caso, ele faz uma pergunta a uma determinada pessoa do discurso com o intuito de saber se ela pretende levar artistas internacionais ao seu programa em um determinado tempo no futuro. Ressaltamos, conforme representado na tabela 1, que não foi identificada nenhuma ocorrência representativa deste padrão no *corpus* do *YouTube*.

5.5 CUMPRIMENTO DE EXPECTATIVA

O quinto padrão é o que acreditamos ser o mais (inter)subjetivo, visto que expressa um maior grau de engajamento do falante em relação às demais construções. Segundo Heine *et al.* (1991), a contraexpectativa diz respeito à projeção de um contraste entre o que é esperado pelos interlocutores e o que, de fato, se realiza. Portanto, no caso da expectativa, observamos o oposto: há a projeção do cumprimento de uma expectativa previamente criada pelos interlocutores na situação comunicativa. Nesse sentido, nesta microconstrução, o falante demonstra que tinha uma expectativa em relação a uma ação que, após um período de espera, se cumpre, afinal. É o que podemos notar nos exemplos que apresentaremos aqui. Antes disso, vejamos o quadro com o pareamento forma/função representativo para o padrão microconstrucional 5:

Quadro 5 - Representação do pareamento forma-função para a microconstrução 5

MICROCONSTRUÇÃO 5	
Função	Expressão de cumprimento de expectativa
Forma	[FINAL + MENTE] ^{cumprimento de expectativa}

Fonte: Elaborado pelas autoras (2025)

Conforme apresenta o quadro acima, a microconstrução 5 tem a função de expressar cumprimento de expectativa. No que se refere à forma, a construção é instanciada a partir da coadunação do adjetivo *final* + sufixo *-mente*. É interessante notar, nos exemplos abaixo, que esta microconstrução evidencia que há um período de espera que se encerra para que a expectativa do interlocutor se cumpra e, para isso, o falante lança mão do adjetivo *final*, que apresenta semanticamente sentido de término, para formar a construção. Vejamos a microconstrução 5 sendo representada nos dois exemplos abaixo:

Figura 5 - Exemplo de ocorrência da microconstrução 5



Fonte: X (2019)

No fragmento retirado do X, antigo Twitter, o usuário anuncia um vídeo que, provavelmente, foi postado em alguma rede social, mostrando o novo apartamento que ele diz ter alugado. Ao afirmar “*Vem conhecer o apê que aluguei para finalmente morar sozinho*”, se torna evidente que o interlocutor tinha um desejo anterior de morar sozinho e que, com a concretização do aluguel do apartamento, esta expectativa é cumprida. A construção *finalmente* demonstra que, depois de uma espera para que um determinado evento aconteça, o falante se sente satisfeito com a realização do fato.

Flávia: Quer ir pra escola... me fala, dá a mão. Gostou? (o menino faz um gesto com a mão dizendo aprovar ou não a comida).

Vi: Mamãe, ele tá fazendo assim! Nossa, que demora!

Flávia: Tô morrendo de medo! Yes!

Vi: Não tô entendendo!

Flávia: Quer dizer que ele amou muito! Gostou muito! **Finalmente!**

Retirado do YouTube. Faça janta comigo para conversarmos - Charlie aprendeu a ler, ano de 2024.

Nesta ocorrência retirada do YouTube, uma mãe acompanha seus filhos provando o estrogonofe que preparou. As crianças fazem gestos para dar a resposta, causando certa expectativa da mãe para o resultado da avaliação por parte das crianças. Depois de fazer

suspense por meio de brincadeiras com as mãos, as crianças demonstram, então, que aprovaram a comida preparada pela mãe. Tão logo ela percebe que os filhos gostaram do prato preparado, ela se mostra feliz e aliviada, dizendo: *Finalmente!* Depois de aguardar um período, a expectativa da mãe foi, portanto, cumprida.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas, a partir dos dados utilizados neste trabalho, permitiram delinear um panorama das construções adverbiais temporais formadas pelo padrão [X^{MENTE}] sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso, evidenciando o potencial explicativo dessa abordagem para a descrição de fenômenos de mudança linguística. A análise das ocorrências demonstrou que tais construções não se configuram como elementos estanques, mas como microconstruções que se distribuem ao longo de um *continuum* de intersubjetividade, refletindo processos graduais de convencionalização e de reanálise funcional.

Constatou-se, ainda, que as construções temporais em [X^{MENTE}] revelam um percurso de mudança que se orienta da expressão menos intersubjetiva, ligada à noção de tempo cronológico, para a expressão mais intersubjetiva, associada à perspectiva do falante e à interação discursiva. Esse movimento, em consonância com o que propõem Traugott e Dasher (2005), reforça a direcionalidade semântica de mudança para significados cada vez mais intersubjetivos.

A partir da análise empírica, foi possível observar que a organização construcional das construções temporais [X^{MENTE}] decorre de padrões de uso recorrentes, que, por meio da frequência e da fixação contextual, originam microconstruções com graus distintos de esquematicidade e produtividade. Essa constatação reforça o princípio de que a gramática é emergente e sensível ao uso, aspecto central da LFCU.

Em termos teóricos, acreditamos que os resultados obtidos contribuem para o fortalecimento da abordagem construcional da mudança no âmbito da LFCU. Assim, o exame das construções adverbiais temporais [X^{MENTE}] não apenas amplia o entendimento sobre o comportamento dessas construções no português, mas também evidencia a relevância de se integrar a dimensão semântico-pragmática à análise da estrutura linguística.

Por fim, espera-se que esta investigação estimule novos estudos voltados à observação de outros domínios construcionais e de outras categorias semânticas, a fim de aprofundar a compreensão dos processos de mudança linguística sob a ótica do uso.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BISPO, E. B.; SILVA, J. R. *Variação linguística, mudança linguística e construcionalização*. In: XXI SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA E VIII SEMINÁRIO INTERNACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS DISCURSO & GRAMÁTICA. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMPOS, J. L. de. *A competição entre [verbo adjetivo adverbial] e [verbo xmente] na rede construcional qualitativa do português brasileiro : uma análise centrada no uso*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2019.
- CASTILHO, A. T. de. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- COMRIE, B.. *Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.
- CROFT, W. *Radical Construction Grammar: syntactic theory in typological perspective*. New York: Oxford University Press, 2001.
- CUNHA, C.; CINTRA, L.. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- CUNHA LACERDA, P. F. A. A multifuncionalidade do advérbio realmente na língua portuguesa sob a perspectiva da gramaticalização de construções. *Revista Alfa*, v. 56, 2012. p. 169 - 200
- _____. O papel do método misto na análise de processos de mudança em uma abordagem construcional: reflexões e propostas. *Revista Lingüística*. Volume Especial, 2016. p. 83-101.
- FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZÁRIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad, 2013, p. 13-44

GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HEINE, B.; CLAUDI, U.; HUNNEMEYER, F. *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago: University of Chicago Press, 1991.

HIMMELMANN, N. P. *Lexicalization and grammaticalization: opposite or orthogonal?* In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEGAND, B. (eds.). *What makes grammaticalization? A look from its fringes and its components*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004. p. 21–42.

ILARI, R.; BASSO, R.; NEVES, M. H. de M.; PERINI, M. A. *Gramática do português falado: classes de palavras*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical Prerequisites*, Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Applications*, Stanford: Stanford University Press, 1991.

MARTINS, S. C. *Construções avaliativas com verbos denominais: uma proposta de rede construcional*. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2021.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, C. H. da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, I. da C. do.; OLIVEIRA, M. R. de. Funcionalismo e abordagem constructional da gramática. *Alfa*, São Paulo, 60 (2), p. 233-259, 2016.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. *Regularity in semantic change*. New York: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E. C.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013. p. 1-44

TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão*. 5. ed. Uberlândia: EDUFU, 2016.

Recebido em: 31/10/2025

Aprovado em: 21/12/2025

Publicado em: 08/01/2026